

# Estratégia brasileira é a mais certa, diz Simonsen

Da sucursal do RIO

O ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, afirmou ontem que a estratégia que o Brasil está seguindo diante da crise internacional é a mais acertada, procurando adotar medidas de austeridade internamente para convencer a comunidade financeira e resistindo à renegociação formal da dívida externa.

Simonsen não quis analisar a situação de curíssimo prazo por não dispor dos dados sobre as reservas cambiais, mas disse que em Nova York, de onde voltou de uma reunião da diretoria do Citycorp da qual faz parte, todos os grandes banqueiros estão torcendo para que o Brasil não precise renegociar sua dívida externa.

O ex-ministro do Planejamento dos governos Geisel e Figueiredo destacou que o Brasil não deve precipitar-se no caminho da renegociação, pois essa opção é muito dolorosa, citando os exemplos do México e Argentina. Acha ele que a crise internacional é a mais grave e profunda desde a grande recessão de 1929/30 e que sua solução só poderá ser encontrada dentro de um consenso geral dos países industrializados, reforçando instituições financeiras e de comércio internacional como o Fundo Monetário, Banco Mundial e Gatt.

Enquanto essa solução não vier, entende que o caminho a seguir é o de resistir e aguardar, impondo medidas de austeridade e autodisciplina, dando demonstrações de que não precisamos de um *stand by* do FMI para gerirmos corretamente nossa economia. Paralelamente, aconselha que o Brasil faça acordos bilaterais com países como Nigéria, México e Argentina para a retomada do intercâmbio comercial, mediante trocas complementares de petróleo por máquinas operatrizes e bens de capital.

Diz Simonsen que esses países estão com maiores dificuldades que o Brasil, quase sem poder importar, apresentando-se como uma boa oportunidade para os convênios bilaterais. A médio prazo, Simonsen aconselha que o Brasil procure ajustar sua economia à nova fase de crédito escasso no mercado internacional, com uma expansão média anual projetada pelo FMI de apenas 8% cortando parte dos subsídios da economia e o déficit público, "como de resto o governo já vem fazendo".

## NOVA ORDENAÇÃO

Considera Simonsen que o turbi-

lhão da crise internacional não passará rapidamente, assinalando que será necessário nova coordenação do sistema financeiro internacional, em que sejam delegados ao FMI maiores poderes e recursos para que esse órgão desempenhe o papel que os bancos privados estavam fazendo, de reciclar os dólares para os países carentes de recursos.

A seu ver, o próprio governo norte-americano já está preocupado com a crise, citando como exemplo a afirmação de Reagan de que era necessário que a Reserva Federal (FED) subordinasse sua política ao Tesouro norte-americano. Em rápida análise da crise, disse que ela se tornou aguda pela política econômica de Reagan em que um enorme déficit fiscal e uma política monetária muito apertada elevaram as taxas de juros às nuvens. Com isso, o dólar se supervalorizou em todo o mundo. Apenas em relação ao marco alemão, o dólar se valorizou mais de 32%.

A supervalorização do dólar e a alta dos juros provocaram a especulação financeira e a recessão nos Estados Unidos. Pela valorização do dólar, ficou mais barato para os norte-americanos comprarem produtos importados do que os fabricados em seu próprio mercado, trazendo, assim, a recessão, que, pelo peso dessa economia, se espalhou no mundo inteiro. A alta de juros canalizou investimentos para ativos financeiros em detrimento dos investimentos à produção. Hoje, os países do Mercado Comum Europeu estão com 35 milhões de desempregados. Os Estados Unidos estão com nível de 10% de desemprego, média só atingida em 1929.

Segundo Simonsen, as soluções para a crise seriam uma mudança na política econômica norte-americana, que parece estar sendo esboçada, com a contenção do déficit público e uma política monetária mais folgada por parte da FED, para fazer com que o dólar passe a flutuar para baixo até encontrar seu piso natural. Com a desvalorização do dólar, a atividade econômica nos Estados Unidos será reativada. Tudo isso exige certa defasagem de tempo, mas certamente poderá ocorrer, estimulando as economias dos demais países. Entretanto, apenas com maiores poderes o FMI poderá evitar as grandes flutuações cambiais que poderão agravar ainda mais a crise presente, segundo o ex-ministro do Planejamento.